

## LEITE

# DESAFIOS PARA A COMPETITIVIDADE INTERNACIONAL

GLAUCO RODRIGUES CARVALHO

Economista e pesquisador da Embrapa Gado de Leite

DENIS TEIXEIRA DA ROCHA

Zootecnista e analista da Embrapa Gado de Leite

A PRODUÇÃO brasileira de leite cresceu 374% entre 1974 e 2016, enquanto a média mundial ficou em 71%. Isso fez o Brasil saltar de décimo para quarto maior produtor do mundo nesse período. Apesar deste espetacular crescimento, historicamente, o Brasil sempre foi um importador líquido de lácteos. Esta situação destoa de muitos outros segmentos do agronegócio brasileiro, em que o País se destaca dentre os líderes mundiais na produção e na exportação.

Mais recentemente, as importações de lácteos voltaram a crescer significativamente, despertando o debate sobre a sua influência negativa no mercado nacional de leite. Trata-se de um debate muitas vezes azeitado por questões ideológicas e pouca racionalidade econômica. Esse cenário recente foi fruto da falta de leite no mercado interno associada à elevação dos preços do produto nacional em relação aos do importado. A produção brasileira de leite recuou 2,8% e 3,7% em 2015 e 2016, respectivamente, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em sua Pesquisa Trimestral do Leite. Além disso, entre 2010 e 2015, o preço médio do leite brasileiro ficou cerca de 5% acima do preço médio mundial, enquanto Argentina, Nova Zelândia e Uruguai, tradicionais exportadores de leite, tiveram preços 9,8%, 9,7% e 8,0%, respectivamente, abaixo da média mundial. Isso ilustra a dificuldade do Brasil em competir internacionalmente.

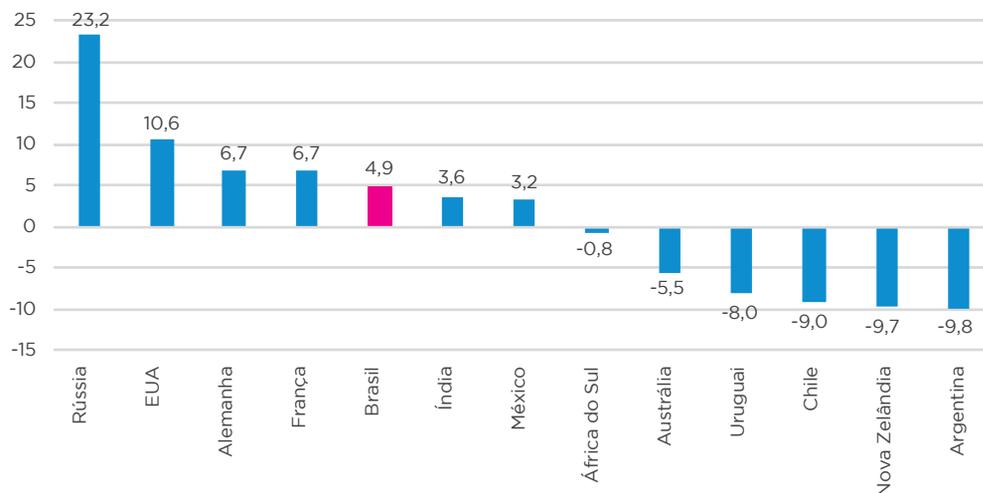
Em 2017, a produção nacional de leite voltou a crescer, impulsionada pela boa relação de troca

leite/insumos no final de 2016 e no início de 2017. Entretanto, o consumo interno não acompanhou esse movimento de alta na oferta, e o preço do leite pago ao produtor registrou forte recuo, derrubando a rentabilidade das fazendas. As margens da indústria também ficaram muito baixas, devido à dificuldade de remarcar preços, dados a fragilidade do consumo interno e o baixo poder de mercado das empresas.

Deixando as questões conjunturais em segundo plano, o fato é que, no período de 2001 a 2013, enquanto a produção de leite cresceu 4,3% ao ano, o consumo aumentou 3,8%. É preciso pensar em ações competitivas e pré-competitivas para viabilizar uma inserção maior do Brasil nas exportações de produtos lácteos, caso a cadeia produtiva queira seguir crescendo. As discussões sobre a competitividade do leite brasileiro têm sido frequentes, e os gargalos encontram-se nos diversos segmentos da cadeia.

A indústria de laticínios no Brasil é muito fragmentada, com as cinco maiores empresas respondendo por apenas 28% da captação formal de leite. No Uruguai, esse percentual chega a 100%; na Nova Zelândia, a 90%; e, nos Estados Unidos, a 60%. O problema é que a fragmentação da indústria tem importantes implicações sobre a competitividade do setor: elevado custo de captação; elevada capacidade ociosa; baixo poder de negociação na compra de insumos; baixo poder de mercado na venda de produtos e no relacionamento com os grandes varejistas; concorrência predatória entre

**PREÇOS DO LEITE AO PRODUTOR EM PAÍSES SELECIONADOS:  
DESVIO DO PREÇO INTERNACIONAL**  
(% MÉDIA DE 2010 A 2015)



Fonte: IFCN; elaboração dos autores

as empresas; limitada capacidade de investimentos e de inovação; e baixa coordenação setorial. Tudo isso tem levado o setor a trabalhar com uma visão mais de curto prazo, até porque problemas financeiros e de solvência têm sido frequentes no segmento industrial.

Já no caso do produtor, na média, ainda permanece uma gestão do negócio pouco profissionalizada e com diversos reflexos no custo de produção: baixa produtividade dos fatores de produção, como vacas, mão de obra e capital investido; estrutura fragmentada e baixa escala de produção das fazendas; ausência de *clusters* proporcionando maior densidade de produção por quilômetro quadrado; qualidade do leite ruim; e pouca preocupação com sólidos (proteína e gordura). Este último ponto é importante porque, quanto mais sólidos, maior o rendimento industrial.

Finalmente, do ponto de vista do Estado, existem, também, distorções que prejudicam o setor. A guerra fiscal entre os estados brasileiros cria problemas alocativos (excesso de capacidade em algumas regiões); a proteção de mercado e a elevada tributação prejudicam a incorporação de tecnologias poupadoras de mão de obra; a tributação sobre novos produtos lácteos penaliza a inovação; as estradas rurais prejudicam a coleta

de leite e a logística das propriedades; e a baixa qualidade na oferta de energia elétrica no meio rural causa perdas na produção, na qualidade do leite e no capital investido em equipamentos.

Portanto, são inúmeros os fatores competitivos e pré-competitivos que prejudicam os ganhos de eficiência na cadeia produtiva de leite e penalizam uma maior inserção do Brasil no cenário internacional. No entanto, mesmo com todas essas dificuldades, historicamente, a produção seguiu se expandindo. É preciso reconhecer a existência de vários produtores competitivos, inovadores e com forte propensão a gestão. Da mesma forma, existem empresas com esse perfil mais agressivo pautadas pela excelência na produção. Mas, de fato, olhando a cadeia como um todo, torna-se primordial atacar os temas já mencionados com uma visão mais estratégica e de longo prazo. Afinal, o Brasil possui características ímpares para avançar na oferta de leite: população continental; grande disponibilidade de terras; clima que possibilita a produção de forragens na maior parte do ano; disponibilidade de soja, milho e outros produtos utilizados no concentrado; e ofertas de tecnologia e genética (animal e vegetal). Ou seja, é preciso definir as metas, deixar um pouco as questões conjunturais de lado e trabalhar uma agenda competitiva e estruturante de longo prazo. ■